A SALVAÇÃO NA PERSPECTIVA DA IGREJA ORTODOXA

Graça, fé viva, boas obras, Batismo, Santos Mistérios e participação na vida divina

A salvação constitui o centro da mensagem cristã. Toda a obra da Encarnação, da vida, da morte, da Ressurreição e da Ascensão de nosso Senhor Jesus Cristo está relacionada à restauração do ser humano e de sua comunhão com Deus.

Entretanto, ao longo da história do cristianismo, surgiu uma pergunta que muitas vezes foi apresentada de maneira excessivamente simplificada:

O homem é salvo somente pela fé ou pela fé acompanhada das boas obras?

Na perspectiva da Igreja Ortodoxa, a pergunta precisa ser colocada dentro de uma realidade muito maior.

A salvação não é apenas uma decisão jurídica de Deus declarando alguém salvo porque, em determinado momento, afirmou acreditar em Jesus. Também não é uma recompensa conquistada pela acumulação de boas obras.

Quem salva é Jesus Cristo.

A salvação é dom da graça de Deus, recebido pela fé, iniciado sacramentalmente na vida cristã pelo Santo Batismo, confirmado pelo dom do Espírito Santo, alimentado pela Eucaristia, renovado pelo arrependimento e manifestado numa existência transformada pelo amor.

Assim, a Ortodoxia não reduz a salvação à fórmula:

“fé + obras = salvação”.

Muito menos entende a fé salvadora como mera aceitação intelectual da existência de Deus ou da identidade de Jesus.

Uma expressão mais completa seria:

Somos salvos pela graça de Deus, mediante uma fé viva em Jesus Cristo, incorporados a Ele pelo Santo Batismo, fortalecidos pelo Espírito Santo, alimentados pelos Santos Mistérios da Igreja e chamados a manifestar essa nova vida pela conversão, pela perseverança, pelo amor e pelas boas obras.

Tudo isso converge para aquilo que a tradição ortodoxa chama de **theosis — θέωσις**, isto é, a participação do homem, pela graça, na vida de Deus.

1. A salvação começa em Deus

Nenhum homem salva a si mesmo.

Nenhuma quantidade de obras humanas seria capaz, por si mesma, de vencer o pecado, a corrupção e a morte.

A iniciativa pertence inteiramente a Deus.

São Paulo ensina:

“Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie.”
Efésios 2,8-9

A Igreja Ortodoxa proclama plenamente essa verdade.

Não compramos a salvação.

Não colocamos Deus em dívida conosco.

Não apresentamos diante dele uma contabilidade de méritos dizendo:

“Pratiquei tantas boas ações, portanto mereço o Reino.”

A salvação é graça.

Mas São Paulo não termina seu pensamento no versículo 9. Imediatamente acrescenta:

“Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.”
Efésios 2,10

Portanto, as boas obras não são concorrentes da graça.

Elas são **frutos da graça**.

Não fazemos o bem para obrigar Deus a nos amar.

Praticamos o bem porque fomos alcançados pelo amor de Deus e estamos sendo transformados por Ele.

2. A salvação é caminho, não apenas um instante

A Sagrada Escritura fala da salvação de diferentes maneiras.

Ela pode falar daqueles que **foram salvos**, daqueles que **estão sendo salvos** e daqueles que **serão salvos**.

Isso significa que a salvação possui uma dimensão passada, presente e futura.

Existe um começo.

Existe uma caminhada.

E existe uma consumação.

O Santo Batismo representa o nascimento para a nova vida, mas essa vida precisa crescer.

Por isso São Paulo escreve:

“Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor, porque Deus é quem opera em vós tanto o querer como o realizar.”
Filipenses 2,12-13

Aqui encontramos uma característica fundamental da espiritualidade ortodoxa.

O homem age:

“Desenvolvei a vossa salvação.”

Mas Deus age primeiro e dentro do próprio homem:

“Deus é quem opera em vós.”

A tradição chama essa realidade de **synergia — συνεργία**, cooperação entre a graça de Deus e a liberdade humana.

Não significa cinquenta por cento de Deus e cinquenta por cento do homem.

Sem a graça, nada podemos fazer.

Mas Deus não destrói nossa liberdade.

Ele chama.

O homem responde.

Ele oferece.

O homem recebe.

Ele ilumina.

O homem abre os olhos.

Ele cura.

O homem permite ser curado.

Ele chama ao arrependimento.

O homem realiza a metanoia.

A salvação é inteiramente graça, mas uma graça que não anula a liberdade daquele que é amado.

3. A fé no Antigo Testamento

A ideia bíblica de fé nunca significou simplesmente acreditar intelectualmente que Deus existe.

No Antigo Testamento, fé está ligada à confiança, fidelidade, obediência e Aliança.

Abraão tornou-se o grande modelo dessa fé:

“Abraão creu no Senhor, e isso lhe foi imputado como justiça.”
Gênesis 15,6

Mas Abraão não disse apenas:

“Eu acredito.”

Quando Deus o chamou, ele partiu.

Quando Deus prometeu, ele confiou.

Quando foi provado, obedeceu.

Sua fé tornou-se existência.

Por isso São Tiago, interpretando exatamente a experiência de Abraão, escreve:

“A fé cooperava com as suas obras, e pelas obras a fé foi aperfeiçoada.”
Tiago 2,22

A expressão é extraordinária:

a fé cooperava com as obras.

Não existem aqui dois caminhos de salvação.

Existe uma única vida de comunhão com Deus.

4. O Antigo Testamento já condenava a religião sem transformação

Os profetas combateram repetidamente uma religião que possuía cerimônias, sacrifícios e linguagem religiosa, mas não possuía justiça e misericórdia.

Isaías proclama:

“Aprendei a fazer o bem; buscai a justiça.”
Isaías 1,17

Miqueias ensina:

“Pratica a justiça, ama a misericórdia e anda humildemente com teu Deus.”
Miqueias 6,8

Portanto, muito antes do Novo Testamento encontramos um princípio fundamental:

o culto verdadeiro deve transformar a vida.

Esse princípio permanece na Igreja.

O Sacramento não é magia.

O rito não substitui a conversão.

A Liturgia não autoriza o homem a viver deliberadamente longe dos mandamentos de Cristo.

5. Jesus nunca ensinou uma fé puramente intelectual

Nos Evangelhos, Nosso Senhor afirma:

“Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.”
Mateus 7,21

Observe que essas pessoas chamam Jesus de:

“Senhor”.

Existe profissão verbal de fé.

Entretanto, Cristo aponta para a vida.

Ele também declara:

“Se me amais, guardareis os meus mandamentos.”
João 14,15

E:

“Pelos seus frutos os conhecereis.”
Mateus 7,16

A fé cristã verdadeira possui frutos.

6. “Até os demônios creem”

São Tiago apresenta uma das afirmações mais fortes de toda a Escritura:

“Tu crês que Deus é um só? Fazes bem. Também os demônios creem — e tremem.”
Tiago 2,19

Os demônios sabem que Deus existe.

Nos Evangelhos, reconhecem inclusive quem é Jesus Cristo.

Esse conhecimento, entretanto, não os salva.

Por quê?

Porque conhecer intelectualmente não significa amar.

Reconhecer não significa obedecer.

Saber que Cristo existe não significa estar unido a Cristo.

Podemos dizer:

A fé dos demônios reconhece.
A fé cristã segue.

A fé dos demônios sabe.
A fé cristã confia.

A fé dos demônios treme.
A fé cristã ama.

A fé dos demônios reconhece quem Cristo é.
A fé cristã entrega-se a Cristo.

Por isso São Tiago afirma:

“A fé, se não tiver obras, está morta em si mesma.”
Tiago 2,17

E conclui:

“Assim como o corpo sem espírito está morto, assim também a fé sem obras está morta.”
Tiago 2,26

Portanto, não basta perguntar:

“Você acredita em Deus?”

É necessário perguntar:

“Essa fé produziu comunhão com Cristo e começou a transformar sua vida?”

7. São Paulo e São Tiago não se contradizem

São Paulo escreve:

“O homem é justificado pela fé, independentemente das obras da Lei.”
Romanos 3,28

São Tiago afirma:

“O homem é justificado pelas obras e não somente pela fé.”
Tiago 2,24

Não há contradição.

São Paulo está combatendo a pretensão de colocar a salvação sob o domínio dos méritos humanos e das obras da Lei mosaica.

São Tiago combate uma fé apenas verbal.

Paulo enfrenta aquele que diz:

“Mereço ser salvo pelas minhas obras.”

Tiago enfrenta aquele que afirma:

“Acredito em Deus, portanto minha maneira de viver não importa.”

Paulo responde:

Não podes comprar a graça.

Tiago responde:

Uma fé sem frutos está morta.

E o próprio Paulo oferece a síntese:

“O que vale é a fé que atua pelo amor.”
Gálatas 5,6

Esta expressão resume admiravelmente a posição ortodoxa:

fé operante pelo amor.

8. O amor não é opcional

São Paulo escreve:

“Ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse amor, nada seria.”
1Coríntios 13,2

É importante perceber a força dessa afirmação.

Paulo não diz:

“Se eu tivesse pouca fé.”

Ele diz:

“Ainda que eu tivesse toda a fé.”

Mesmo essa fé extraordinária, desacompanhada do amor, não representa a plenitude da vida cristã.

E conclui:

“Agora permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.”
1Coríntios 13,13

9. As boas obras são frutos, não moedas

Nosso Senhor utiliza uma imagem perfeita:

“Eu sou a videira; vós sois os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto.”
João 15,5

O ramo não produz frutos para comprar o direito de pertencer à videira.

Ele produz frutos porque recebe da videira a vida.

Assim acontece com o cristão.

Não amamos para comprar Cristo.

Amamos porque Cristo está agindo em nós.

Não perdoamos para comprar o céu.

Perdoamos porque fomos alcançados pelo perdão.

Não praticamos misericórdia para acumular créditos espirituais.

Praticamos misericórdia porque começamos a reconhecer no próximo a imagem de Deus.

10. O julgamento segundo as obras

Embora as obras não comprem a salvação, a Escritura ensina claramente que elas revelam o estado espiritual do homem.

São Paulo afirma:

“Deus retribuirá a cada um segundo as suas obras.”
Romanos 2,6

E Nosso Senhor, em Mateus 25, fala do julgamento utilizando obras concretas de misericórdia:

dar alimento ao faminto,

dar água ao sedento,

acolher o estrangeiro,

vestir o necessitado,

visitar o enfermo,

visitar o encarcerado.

E declara:

“Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.”
Mateus 25,40

As obras não aparecem porque compraram o Reino.

Aparecem porque **revelaram aquilo em que o coração se transformou**.

O fruto revela a árvore.

11. A salvação possui dimensão eclesial

Outra característica essencial da compreensão ortodoxa é que a salvação não é puramente individual.

Cristo não deixou somente um conjunto de ensinamentos.

Ele formou uma comunidade.

Enviou os Apóstolos.

Concedeu-lhes autoridade.

Prometeu o Espírito Santo.

E constituiu sua Igreja.

São Paulo ensina:

“Vós sois Corpo de Cristo e, individualmente, seus membros.”
1Coríntios 12,27

Portanto, tornar-se cristão significa entrar numa comunhão.

A Igreja não é apenas uma associação religiosa.

É o Corpo de Cristo no qual os Santos Mistérios são celebrados e no qual o homem é progressivamente formado para a vida em Deus.

12. O Batismo é necessário na vida cristã

Nosso Senhor disse a Nicodemos:

“Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.”
João 3,5

Após a Ressurreição, ordenou aos Apóstolos:

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”
Mateus 28,19

No dia de Pentecostes, São Pedro responde àqueles que perguntavam o que deveriam fazer:

“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado.”
Atos 2,38

E escreve posteriormente:

“O Batismo agora vos salva.”
1Pedro 3,21

Isso não significa atribuir poder mágico à água.

Deus salva.

Entretanto, o mesmo Deus que salva escolheu o Batismo como mistério de nossa entrada sacramental na morte e Ressurreição de Cristo.

13. O Batismo é morte e Ressurreição com Cristo

São Paulo ensina:

“Todos quantos fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte.”
Romanos 6,3

E continua:

“Fomos, pois, sepultados com Ele pelo Batismo na morte, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, também nós andemos em novidade de vida.” Romanos 6,4

É exatamente essa teologia que explica a antiga prática da imersão.

São Cirilo de Jerusalém, no século IV, explica aos recém-batizados que eles desceram **três vezes** à água e três vezes subiram, representando sacramentalmente os três dias do sepultamento de Cristo.

A pia batismal é simultaneamente:

sepultura e ventre.

Sepultura do velho homem.

Ventre da nova criatura.

Descemos com Cristo.

Ressuscitamos com Cristo.

14. A tríplice imersão

Por essa razão, a forma normativa e plena do Santo Batismo na tradição ortodoxa é a **tríplice imersão em água**, invocando: **o Pai, o Filho e o Espírito Santo.**

São Cirilo de Jerusalém testemunha claramente essa prática no século IV. As *Constituições Apostólicas* também descrevem o batizando descendo à água sob a invocação do Pai, do Filho e do Espírito Santo, relacionando a descida à morte com Cristo e a subida à Ressurreição.

A tríplice imersão não é apenas uma questão estética ou cultural.

Ela contém uma catequese visível.

Confessa a Santíssima Trindade.

Representa os três dias de Cristo no sepulcro.

Manifesta nossa morte e Ressurreição com Ele.

15. Quando a imersão é impossível

A Igreja, entretanto, nunca deve transformar o Sacramento num legalismo contrário à própria misericórdia de Deus.

Existem situações em que a imersão pode ser verdadeiramente impossível:

enfermidade grave,

risco de morte,

fragilidade física extrema,

determinadas deficiências,

impossibilidade material de utilizar quantidade suficiente de água,

ou outra circunstância grave.

A própria **Didaqué**, um dos documentos cristãos mais antigos que possuímos, apresenta a imersão como forma preferida, mas determina que, quando não houver água suficiente, pode-se derramar água três vezes sobre a cabeça em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Portanto, a economia pastoral diante da necessidade possui raízes antiquíssimas.

A norma permanece:

tríplice imersão.

A necessidade permite:

infusão ou derramamento de água, preservando a invocação trinitária e a intenção verdadeira de realizar o Batismo cristão.

A exceção não destrói a regra.

A misericórdia pastoral não elimina a tradição.

16. O Batismo de crianças

A Igreja Ortodoxa não entende que uma criança precise alcançar determinada idade ou capacidade intelectual para receber a graça do Batismo.

A graça é dom de Deus antes de ser resultado de nossa compreensão.

São Cipriano de Cartago e um concílio de sessenta e seis bispos, no século III, responderam precisamente à pergunta sobre o momento adequado para batizar uma criança. A conclusão foi que nem sequer seria necessário esperar o oitavo dia: o recém-nascido não deveria ser impedido de receber o Batismo e a graça divina.

A Igreja batiza crianças porque o Batismo é primeiramente **ação de Deus sobre o homem**, e não prêmio concedido depois de um exame intelectual.

A criança cresce posteriormente na fé, acompanhada pela família, pelos padrinhos e pela comunidade cristã.

O Santo Batismo infantil não é um batismo incompleto.

É verdadeiro nascimento sacramental em Cristo.

17. Quem deve administrar o Batismo?

Aqui é necessária uma distinção fundamental entre a **ordem ordinária da Igreja** e uma **situação extraordinária de necessidade**.

O Santo Batismo pertence à vida sacramental da Igreja.

Não deve ser tratado como iniciativa religiosa privada.

Ninguém deve decidir por vontade própria começar a batizar pessoas fora da ordem eclesial.

Na disciplina antiga, encontramos o bispo e o presbítero como ministros ordinários do Batismo.

As *Constituições Apostólicas* chegam a proibir que o leigo assuma por iniciativa própria funções sacerdotais e determinam que o Batismo solene seja realizado pelo bispo ou presbítero, com o diácono auxiliando.

São João Crisóstomo, comentando 1Coríntios, fala do Batismo como ministério exercido por aqueles investidos do sacerdócio, enfatizando ao mesmo tempo que a eficácia do Batismo vem da graça de Deus e não da importância pessoal daquele que o administra.

Portanto, o princípio ordinário é claro:

o Batismo pertence ao ministério sacramental da Igreja, e não à iniciativa particular do leigo.

18. E o diácono?

No próprio Novo Testamento encontramos um dado importante.

São Filipe, identificado posteriormente em Atos 21,8 como **“um dos sete”**, grupo tradicionalmente associado ao primeiro diaconato, anuncia Cristo ao eunuco etíope e o batiza:

“Desceram ambos à água, Filipe e o eunuco, e Filipe o batizou.”
Atos 8,38

Portanto, existe testemunho apostólico de Filipe realizando Batismo.

Entretanto, a disciplina eclesial posterior tornou-se mais definida. As *Constituições Apostólicas* reservam ordinariamente a celebração ao bispo ou presbítero e colocam o diácono como auxiliar no rito.

Esses textos não precisam ser colocados em contradição.

Eles mostram que o diácono exerce seu ministério **dentro da missão recebida da Igreja**, e não por autoridade sacramental autônoma contra ou independentemente do bispo.

Assim, em uma disciplina eclesial ortodoxa ordenada:

o bispo e o presbítero são os ministros ordinários do Santo Batismo; o diácono pode batizar quando autorizado pela autoridade eclesial competente ou quando a necessidade verdadeiramente o exigir.

19. São Paulo e Ananias

Também convém corrigir uma afirmação algumas vezes repetida.

São Paulo foi batizado por Ananias:

“Levanta-te, recebe o Batismo e lava os teus pecados.”
Atos 22,16

Entretanto, a Escritura não chama Ananias de diácono.

Atos 9,10 simplesmente o denomina:

“um discípulo chamado Ananias.”

A tradição posterior o associa ao ministério episcopal em Damasco, mas não devemos utilizar esse episódio para afirmar biblicamente que Paulo foi batizado por um diácono.

Temos exemplo mais seguro em São Filipe.

Essa precisão é importante porque a verdade teológica não necessita de argumentos historicamente frágeis.

20. O Batismo em perigo de morte ou necessidade extrema

Aqui encontramos outra distinção essencial.

Dizer que o leigo **não é ministro ordinário do Batismo** não significa dizer que em nenhuma circunstância um cristão leigo possa batizar.

A antiga tradição da Igreja conheceu situações extremas.

Tertuliano, em seu tratado *De Baptismo*, capítulo 17, explica primeiro a ordem eclesiástica: o direito principal cabe ao bispo, depois aos presbíteros e diáconos sob autoridade episcopal. Mas acrescenta que, na ausência desses ministros, também os discípulos leigos podem agir diante da necessidade.

São Jerônimo oferece um testemunho ainda mais explícito. No *Diálogo contra os Luciferianos*, ao tratar da disciplina sacramental, afirma que normalmente presbíteros e diáconos exercem seu ministério sob licença episcopal, mas acrescenta que, **se a necessidade exigir, sabe-se que até leigos podem batizar**.

Temos, portanto, uma distinção patrística clara:

Em situação normal: observa-se a ordem sacramental da Igreja.

Em verdadeira necessidade: a salvação da pessoa não deve ser sacrificada pela impossibilidade material de encontrar o ministro ordinário.

Assim podemos formular nossa disciplina:

Em perigo de morte ou situação de verdadeira urgência, quando não houver bispo, presbítero ou diácono disponível, um cristão que tenha recebido validamente o Santo Batismo pode administrar o Batismo de necessidade, utilizando água e invocando o Pai, o Filho e o Espírito Santo, com verdadeira intenção de realizar aquilo que a Igreja realiza.

Caso o batizado sobreviva, deverá ser apresentado à Igreja para que aquilo que faltar à sua iniciação sacramental seja completado conforme a disciplina eclesial.

O leigo que batiza nessas circunstâncias não se torna sacerdote.

Não assume ministério sacerdotal.

Não passa a possuir autorização permanente para administrar os Sacramentos.

Ele age apenas diante de uma necessidade extraordinária em favor da vida espiritual daquele que corre perigo.

21. Não existe autorização evangélica para um "ministério particular de batismo"

Essa distinção também esclarece outra passagem do Evangelho.

Os discípulos disseram a Jesus:

"Mestre, vimos alguém expulsando demônios em teu nome e o proibimos porque não nos seguia."

Jesus respondeu:

“Não o proibais [...] quem não é contra nós é por nós.”
Marcos 9,38-40

Essa passagem trata de alguém expulsando demônios em nome de Cristo.

Ela **não constitui autorização para qualquer pessoa assumir por iniciativa própria a administração dos Santos Mistérios**.

Há diferença entre uma oração realizada em nome de Cristo e um Sacramento confiado à vida ordenada da Igreja.

No Novo Testamento, não encontramos Jesus instituindo um ministério sacramental independente da comunidade apostólica.

A ordem:

“Ide [...] fazei discípulos [...] batizando-os”

é dirigida ao colégio apostólico, do qual se desenvolve a missão sacramental da Igreja.

Por isso, a exceção do Batismo de necessidade não pode ser utilizada para justificar que alguém crie para si mesmo um ministério de batizar.

A necessidade é economia. Não é anarquia sacramental.

22. O que torna válido o Batismo de necessidade

Em uma verdadeira emergência, alguns elementos são essenciais.

Deve haver **água verdadeira**.

Deve existir a **invocação trinitária**:

“em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

Deve existir a intenção real de administrar o **Batismo cristão**, e não realizar apenas uma representação simbólica.

E aquele que o administra, dentro da disciplina que aqui assumimos, deve ser **cristão já validamente batizado**.

Sempre que fisicamente possível, deverá utilizar-se a tríplice imersão.

Quando isso não for possível devido à emergência, pode-se derramar água sobre o batizando três vezes, preservando a invocação da Santíssima Trindade.

Assim preservamos simultaneamente:

a tradição apostólica,

a ordem eclesial,

a realidade sacramental,

e a misericórdia diante da urgência.

23. O Batismo não é um ato isolado

Também não devemos transformar o Batismo numa espécie de ato jurídico isolado.

O Batismo é entrada numa vida.

Depois da fonte batismal vem a vida no Espírito.

Na tradição ortodoxa, a iniciação cristã é compreendida em íntima unidade entre:

Batismo,
Crismação
e Eucaristia.

O batizado recebe o Santo Crisma, ouvindo:

“Selo do dom do Espírito Santo.”

Em seguida, é introduzido à comunhão eucarística.

São Cirilo de Jerusalém ensina precisamente essa sequência sacramental: depois de explicar o Batismo, dedica sua catequese seguinte à unção, ensinando que os batizados tornaram-se participantes de Cristo e receberam a unção do Espírito.

24. A Eucaristia e a vida em Cristo

Jesus declara:

“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.”
João 6,56

São Paulo escreve:

“O cálice da bênção que abençoamos não é comunhão com o Sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o Corpo de Cristo?”
1Coríntios 10,16

A palavra utilizada é **koinonia — κοινωνία**:

participação, comunhão, partilha.

Portanto, a Eucaristia não é mero símbolo psicológico destinado apenas a recordar algo acontecido no passado.

É comunhão sacramental com Cristo.

Por isso, a vida cristã não pode ser reduzida a:

“Eu acredito em Jesus.”

O cristão é chamado a dizer com toda sua existência:

“Estou sendo incorporado, alimentado e transformado por Cristo no seu Corpo, que é a Igreja.”

25. A Confissão e a metanóia

O Santo Batismo não significa que o homem perderá a possibilidade de pecar.

A vida cristã continua sendo uma vida de combate espiritual.

Por isso a Igreja proclama constantemente a **metanóia — μετάνοια**, transformação da mente e do coração.

Depois da Ressurreição, Cristo disse aos Apóstolos:

“Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados.” João 20,22-23

A Confissão não existe para humilhar o pecador.

Existe para restaurá-lo.

O pecado é também ferida.

Cristo é Médico.

A Igreja é hospital espiritual.

Arrependimento, Confissão, oração e reconciliação pertencem, portanto, ao caminho da salvação.

26. Os Sacramentos não funcionam como magia

Também precisamos evitar o erro oposto.

Alguém poderia dizer:

“Fui batizado.”

“Recebo a Eucaristia.”

“Portanto, minha maneira de viver não importa.”

Isso seria contrário à própria Escritura.

São Paulo advertiu severamente os cristãos de Corinto acerca da recepção indigna da Eucaristia em 1Coríntios 11.

O Sacramento comunica verdadeiramente a graça.

Mas o homem pode resistir àquilo que recebeu.

Pode abandonar aquilo que lhe foi confiado.

Pode deixar de viver de acordo com sua vocação.

Por isso:

Batismo sem vida nova contradiz o significado do Batismo.

Eucaristia sem amor contradiz a própria comunhão celebrada.

Confissão sem arrependimento torna-se formalidade.

Fé sem transformação torna-se palavra vazia.

27. A dimensão terapêutica da salvação

A tradição ortodoxa possui uma visão profundamente terapêutica da salvação.

O pecado não é apenas infração jurídica.

É também: doença, ferida, corrupção, escravidão, separação, desordem das paixões, mortalidade.

Por isso Cristo não é somente Juiz.

É também o **Médico das almas e dos corpos**.

A salvação envolve perdão, mas não termina no perdão.

Cristo perdoa para restaurar.

Restaura para santificar.

Santifica para unir o homem a Deus.

28. Theosis: o objetivo da salvação

Chegamos assim ao coração da soteriologia ortodoxa.

Cristo não veio simplesmente impedir que o homem fosse condenado.

Veio restaurar a comunhão perdida.

São Pedro escreve:

“Para que vos torneis participantes da natureza divina.”
2Pedro 1,4

Isso é **theosis**.

Não significa que o homem deixe de ser criatura ou se transforme na essência divina.

Deus permanece Deus.

O homem permanece criatura.

Mas o homem é chamado, pela graça, a participar verdadeiramente da vida divina.

Por isso Santo Atanásio pôde resumir o mistério da Encarnação afirmando que o Filho de Deus se fez homem para que o homem pudesse ser elevado à participação na vida de Deus.

A salvação ortodoxa é, portanto:

perdão, cura, reconciliação, santificação, comunhão e deificação pela graça.

29. Então somos salvos pela fé ou pelas obras?

A resposta ortodoxa é:

Somos salvos por Jesus Cristo.

Cristo nos salva pela graça.

Recebemos essa graça pela fé.

Essa fé nos conduz ao Batismo.

No Batismo morremos e ressuscitamos com Cristo.

Recebemos o Espírito Santo.

Participamos da Eucaristia.

Arrependemo-nos quando pecamos.

Buscamos a reconciliação.

Oramos.

Perdoamos.

Praticamos misericórdia.

Amamos.

Perseveramos.

As boas obras não compram a salvação.

Mas uma fé que deliberadamente nunca produz amor, arrependimento ou transformação precisa ser questionada à luz das palavras de São Tiago:

“A fé sem obras é morta.”

30. Uma síntese da doutrina ortodoxa da salvação

Podemos finalmente resumir:

Não somos salvos por uma fé meramente intelectual.

Até os demônios reconhecem que Deus existe.

Não somos salvos acumulando méritos humanos.

Tudo começa pela graça.

Não somos salvos por ritos mágicos.

Os Santos Mistérios exigem uma vida correspondente à graça recebida.

Não somos salvos individualisticamente, separados do Corpo de Cristo.

A vida cristã é também eclesial.

O Batismo não é um simples símbolo exterior.

É participação sacramental na morte e Ressurreição de Cristo.

Sua forma normativa é a tríplice imersão em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Quando a imersão se torna verdadeiramente impossível, a tradição admite economia na forma de aplicação da água.

O Batismo pertence ordinariamente ao ministério sacramental da Igreja.

Não existe autorização para um leigo assumir por iniciativa própria um ministério de batizar.

Entretanto, em verdadeiro perigo de morte ou extrema necessidade, quando nenhum ministro ordenado puder ser alcançado, um cristão validamente batizado pode realizar o Batismo de necessidade, utilizando água, a invocação da Santíssima Trindade e a verdadeira intenção de administrar aquilo que a Igreja administra.

Essa exceção não destrói a ordem da Igreja.

Ao contrário:

a própria tradição da Igreja estabelece a exceção por amor à pessoa que corre perigo.

Depois do Batismo, começa uma vida inteira de crescimento em Cristo:

Crisma, Eucaristia, oração, arrependimento, Confissão, perdão, misericórdia, caridade, combate espiritual, fidelidade e perseverança.

Por isso, talvez a pergunta mais profundamente ortodoxa não seja:

“Já declarei minha fé e, portanto, estou salvo?”

Mas:

“Estou vivendo em Cristo?”

Porque aquele que verdadeiramente vive em Cristo:

crê, é batizado, busca os Santos Mistérios, ama, perdoa, arrepende-se, levanta-se quando cai, serve ao próximo, luta contra suas paixões, não confia nos próprios méritos, e deposita sua esperança na misericórdia de Deus.

São Paulo resume essa transformação:

“Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.”
Gálatas 2,20

Esta é a salvação na perspectiva ortodoxa:

não simplesmente acreditar que Cristo existe, mas nascer da água e do Espírito; não simplesmente declarar-se salvo, mas viver continuamente na graça; não simplesmente realizar obras exteriores, mas permitir que a fé produza o amor; não simplesmente receber os Sacramentos, mas tornar-se aquilo que os Sacramentos significam; não simplesmente pertencer nominalmente à Igreja, mas viver como membro do Corpo de Cristo.

E todo esse caminho possui uma finalidade:

que o homem, restaurado à imagem de Deus, cresça à sua semelhança e, pela graça do Espírito Santo, participe cada vez mais profundamente da vida divina.

Assim, a salvação cristã não é somente uma sentença favorável.

É **nova vida**.

Não é apenas perdão.

É **cura**.

Não é apenas crença.

É **comunhão**.

Não é apenas começo.

É **caminho e perseverança**.

E não é conquista humana.

É, do princípio ao fim, **graça de Deus acolhida por uma fé viva, operante pelo amor, celebrada nos Santos Mistérios e consumada na união com Deus**.

Igreja Apostólica Ortodoxa da América.